



Coordenadoria
do Curso de Letras
Língua Inglesa e suas Literaturas



Universidade Federal
de São João del-Rei

NOELLY CRISTINA SILVA FERREIRA

**A BUSCA POR TETOS EM “THE YELLOW WALLPAPER” (1892) E
“THE TOILET” (1988): PRIVACIDADE, AUTONOMIA E PERTENCIMENTO**

São João del-Rei

2026

NOELLY CRISTINA SILVA FERREIRA

**A BUSCA POR TETOS EM “THE YELLOW WALLPAPER” (1892) E
“THE TOILET” (1988): PRIVACIDADE, AUTONOMIA E PERTENCIMENTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenadoria do Curso de Graduação em
Letras - Língua Inglesa e suas Literaturas, da
Universidade Federal de São João del-Rei,
como requisito parcial à obtenção do título de
Licenciada em Letras - Língua Inglesa e suas
Literaturas.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Juliana Borges
Oliveira de Moraes

São João del-Rei

2026

“Lock up your libraries if you like; but there is no gate, no lock, no bolt, that you can set upon the freedom of my mind.”

(Woolf, 1929, p. 63)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar os contos “The Yellow Wallpaper” (1892), de Charlotte Perkins Gilman, e “The Toilet” (1988), de Gcina Mhlophe, discutindo como suas protagonistas, cada uma a seu modo, buscam por um “teto”, à luz das reflexões de Virginia Woolf (1929), entendido, neste trabalho, como um espaço que possibilita privacidade, autonomia e pertencimento. Situadas em contextos históricos e sociais distintos, as personagens encontram-se inseridas em espaços que não lhes proporcionam condições plenas de privacidade, autonomia e pertencimento. A partir de uma abordagem comparatista, observa-se que, ao longo de suas trajetórias, ambas são expostas a situações cotidianas que impactam essas três dimensões, evidenciando as relações que se estabelecem entre elas. No entanto, enquanto a personagem de “The Yellow Wallpaper” (1892), mesmo em um espaço privado, não consegue encontrar um “teto”, nos termos propostos por Woolf (1929), a personagem de “The Toilet” (1988), mesmo em um espaço público, o encontra. Desse modo, o estudo demonstra que a conquista de um “teto” ultrapassa a dimensão física do espaço, estando diretamente relacionada às condições sociais e subjetivas que possibilitam às mulheres afirmar sua identidade e autonomia.

Palavras-chave: literatura; mulheres; espaço; pertencimento; autonomia.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the short stories “The Yellow Wallpaper” (1892), by Charlotte Perkins Gilman, and “The Toilet” (1988), by Geina Mhlophe, discussing how their protagonists, each in her own way, search for a “room of one’s own,” in light of Virginia Woolf’s (1929) reflections, understood in this study as a space that enables privacy, autonomy, and a sense of belonging. Situated in distinct historical and social contexts, the characters find themselves in spaces that do not provide them with full conditions of privacy, autonomy, and belonging. From a comparative approach, it is observed that, throughout their trajectories, both are exposed to everyday situations that impact these three dimensions, highlighting the relationships established among them. However, while the protagonist of “The Yellow Wallpaper” (1892), even within a private space, is unable to find such a “room”, in the terms proposed by Woolf (1929), the protagonist of “The Toilet” (1988), even within a public space, does find it. Thus, the study demonstrates that the achievement of a “room of one’s own” goes beyond the physical dimension of space, being directly related to the social and subjective conditions that enable women to assert their identity and autonomy.

Keywords: literature; women; space; belonging; autonomy.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO ÍNTIMO: PRIVACIDADE E A BUSCA POR UM “TETO”	12
3 A CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA: ENTRE O “PENSAR POR SI MESMA” E A POSSIBILIDADE DE AGIR	16
4 A CONSTRUÇÃO DO PERTENCIMENTO: ENTRE RECONHECER-SE E OCUPAR O ESPAÇO	20
5 REFLEXÕES FINAIS	25
6 REFERÊNCIAS	27

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa situa-se no âmbito dos estudos literários, particularmente no campo das literaturas escritas por mulheres, à luz da crítica feminista e dos estudos de espaço, lugar e gênero. Os contos analisados são “The Yellow Wallpaper” (1892), de Charlotte Perkins Stetson¹ e “The Toilet” (1988), de Gcina Mhlophe. A partir desse recorte, o presente trabalho tem como objetivo analisar como as protagonistas dessas narrativas, inseridas em realidades distintas, constroem e experienciam seus espaços, especialmente no que se refere à privacidade, à autonomia e ao sentimento de pertencimento.

O conto “The Yellow Wallpaper”, escrito pela estadunidense Charlotte Perkins Gilman, é publicado em 1892 na revista literária *The New England Magazine*. Editada em Boston, Massachusetts, por J. N. McClintock & Co. entre 1884 e 1917, a revista veiculava contos e poemas. A obra encontra-se nas páginas 647 a 656 do volume 5, *New Series* — equivalente ao volume 12, *Old Series* —, que reúne publicações do período de setembro de 1891 a fevereiro de 1892.

Narrada em primeira pessoa por uma mulher que não tem o nome revelado, a história é contada por meio de supostas anotações da narradora, que parece manter um diário no qual escreve sobre seus dias. O conto é ambientado em uma casa de campo, na qual a protagonista e seu marido, o médico John, estão passando alguns meses. A narrativa se passa quase inteiramente em um único quarto, decorado com um papel de parede amarelo (Stetson, 1892, p. 648), onde a narradora, que está passando por um possível quadro de depressão pós-parto (Villar, 2024), passa seus dias. Mesmo discordando do tratamento definido por John (Stetson, 1892, p. 648), a protagonista acata as imposições de seu marido, revelando um silenciamento que reflete sua falta de voz frente ao que é deliberado por ele. À medida que o tempo passa, a narradora, impedida de trabalhar, desenvolve uma obsessão pelo papel de parede (Stetson, 1892, p. 650) ao passo que se aproxima cada vez mais da insanidade, como resultado da opressão decorrente do tratamento de repouso imposto por John.

Quanto à autora, Charlotte Perkins Gilman nasce em Hartford, em 1860, e falece em Pasadena, em 1935, aos 75 anos. Sua vida pessoal, bem como sua trajetória literária e política, são exploradas na obra *Charlotte Perkins Gilman: A Biography*, escrita pela professora e escritora Cynthia J. Davis e publicada em 2010. Ao abordar a vida da autora, Davis a descreve como “uma mulher de vários nomes, muitos chapéus e de fama controversa” (Davis,

¹ O texto utilizado para esta pesquisa foi publicado sob o nome de Charlotte Perkins Stetson, em 1892. No entanto, com exceção das citações diretas e das referências ao texto original publicado naquele ano, optamos, para fins de fluidez, por utilizar “Gilman” ao nos referirmos à escritora ao longo de todo o trabalho.

2010, p. 7)², fazendo referência às mudanças de nome ao longo de sua vida — de “Perkins” para “Stetson” e, posteriormente, “Gilman”. Nesse sentido, a escolha de qual sobrenome utilizar para se referir à autora revela-se complexa, como observa Davis (2010). Primeiramente, o uso do sobrenome de solteira, Perkins, não refletiria suas principais contribuições literárias, produzidas durante o casamento. Em segundo lugar, o sobrenome Stetson foi abandonado após seu segundo casamento, tornando-se também uma referência incompleta. Por fim, ao adotar o sobrenome Gilman, a autora já havia publicado alguns de seus textos mais influentes, como “The Yellow Wallpaper” (1892). Dessa forma, e considerando que “Gilman” é o nome pelo qual a autora é mais conhecida no meio acadêmico, optamos por utilizá-lo ao longo deste estudo, com exceção das citações diretas e das referências ao texto original, nas quais preservamos o sobrenome utilizado originalmente pelo texto citado.

Levando-se em conta a vida pessoal de Gilman, é possível perceber semelhanças entre o quadro de depressão vivido pela escritora e o possível quadro de depressão pós-parto apresentado pela personagem em “The Yellow Wallpaper” (1892), evidenciando aproximações com dados biográficos da autora. Além disso, a própria Gilman relata seu propósito ao escrever o conto. Em “Why I Wrote The Yellow Wallpaper?” (Gilman, 2011), texto originalmente escrito em 1913, ela expõe que, após três anos sofrendo com uma “grave e contínua crise nervosa inclinada à melancolia — e além” (Gilman, 2011, p. 265)³, procurou um médico renomado, que a prescreveu um tratamento de repouso durante o qual ela deveria dedicar-se às tarefas domésticas e “ter apenas duas horas de vida intelectual por dia” (Gilman, 2011, p. 265)⁴. Ela relata, ainda, que seguiu o tratamento, o que quase a levou à loucura (Gilman, 2011, p. 265). Cerca de cinco anos depois, em 1892, foi publicado o conto “The Yellow Wallpaper”. Ainda assim, embora estabeleça aproximações com a experiência da autora, o conto será abordado, neste estudo, em sua natureza ficcional.

O segundo conto analisado, “The Toilet”, escrito por Nokugcina Elsie Mhlophe, também conhecida por Gcina Mhlophe, é publicado em 1988. Mhlophe nasce em 24 de outubro de 1958, na província de KwaZulu-Natal, em Durban, África do Sul. Ela escreve seus primeiros poemas e histórias na língua xhosa quando ainda estudava em uma escola situada em Transkei. Durante sua trajetória como artista, Mhlophe se destaca, dentre outros feitos, por defender e promover a

² “[...] a woman of several names, many hats, and controversial fame” (Davis, 2010, p. 7).

³ “[...] a severe and continuous nervous breakdown tending to melancholia — and beyond” (Gilman, 2011, p. 265).

⁴ “[...] to have but two hours’ intellectual life a day” (Gilman, 2011, p. 265).

alfabetização na África do Sul por meio do *Nozincwadi: Mother of Books Project*⁵, iniciado em 2001. Ao longo de sua trajetória, Mhlophe também colabora com outros artistas na elaboração e execução de projetos que buscam promover a valorização da cultura africana. Além disso, foi fundadora e diretora de diversas empresas de narrativas, dentre elas a empresa de contação de histórias *Zanendaba*, com sede em Joanesburgo, buscando preservar a herança da narrativa africana.

Assim como “The Yellow Wallpaper” (1892), “The Toilet” (1988) também é narrado em primeira pessoa, por uma mulher que não tem seu nome revelado. A narrativa é ambientada em Orange Grove, um subúrbio situado ao nordeste da área central de Joanesburgo, local escolhido pela protagonista para passar as férias de dezembro. A jovem divide um quarto com sua irmã, que mora na casa dos patrões; porém, isso não acontece abertamente, uma vez que a presença da protagonista não é permitida e poderia prejudicar a situação da irmã, que trabalha para uma família branca. Por esse motivo, a personagem é impedida de fazer qualquer tipo de barulho (Mhlophe, 1988, p. 77). Desejando sair um pouco do quarto, ela consegue um emprego em uma fábrica de roupas e, para ocupar o tempo enquanto espera a hora de embarcar no ônibus, decide se abrigar em um banheiro público localizado no parque (Mhlophe, 1988, p. 79). Assim, as idas da personagem a esse local tornam-se constantes. À medida que o tempo passa, a narradora desenvolve um sentimento de pertencimento ao banheiro, mas, em uma manhã, o encontra trancado (Mhlophe, 1988, p. 86), o que a faz refletir sobre o fato de não ser a dona desse espaço público.

É possível observar que alguns aspectos da vida da protagonista coincidem com a trajetória da autora, como a mudança para Joanesburgo e, sobretudo, a experiência de escrita em um banheiro público. Nesse sentido, cabe destacar que Gcina Mhlophe escreveu muitos de seus trabalhos nesse tipo de ambiente, como ela própria relata: “eu comecei a escrever em inglês muito mais tarde, quando eu já estava em Joanesburgo, usando um banheiro público como meu quarto de estudos. A maioria dos meus trabalhos publicados foram escritos naquele banheiro” (Busby, 1992, p. 916)⁶. Inicialmente, Mhlophe escrevia em xhosa, mas, ao se mudar para Joanesburgo, passou a escrever em língua inglesa, o que também marca uma transformação em sua trajetória. Ainda assim, mesmo que “The Toilet” (1988) estabeleça aproximações com a experiência da autora, assim como *The Yellow Wallpaper* (1892), trata-se de uma obra ficcional e será abordada neste trabalho a partir dessa perspectiva.

⁵ Mais informações sobre o *Nozincwadi: Mother of Books Project* podem ser acessadas pelo link: <https://www.gcinamhlophe.co.za/gcinamhlophe-nozincwadi.html>.

⁶ “I started writing English much later, when I was already in Johannesburg, using a public toilet as my study room. Most of my published works were written in that toilet” (Busby, 1992, p. 916).

A motivação para o desenvolvimento desta pesquisa surge em 2023, enquanto cursava a disciplina “Literaturas Escritas por Mulheres - Séculos XVI ao XIX”, momento em que tive meu primeiro contato com o conto “The Yellow Wallpaper” (1892). Posteriormente, esse interesse foi intensificado a partir do contato com “The Toilet” (1988), uma vez que percebi que as protagonistas, embora inseridas em contextos históricos e sociais distintos, apresentam tanto similaridades quanto diferenças em suas trajetórias, as quais serão discutidas ao longo deste estudo. Foi nesse processo de aproximação entre as obras que o contato com o ensaio de Virginia Woolf, *A Room of One's Own* (1929), ganhou ainda mais significado, uma vez que as reflexões da autora permitem pensar as relações entre sujeito, espaço e escrita que atravessam as personagens principais dos contos analisados.

Virginia Woolf, em seu ensaio *A Room of One's Own* (1929), evidencia que, ao longo da história, as mulheres foram privadas de oportunidades e recursos para a criação literária, em razão de sua dependência econômica e da ausência de um espaço próprio para pensar e escrever, ficando, assim, sempre à sombra dos homens. Nesse contexto, a autora argumenta em favor da necessidade de que as mulheres conquistem “um teto todo seu” (Woolf, 1929), entendido como uma condição importante para o desenvolvimento de sua independência intelectual e criativa.

Além disso, Woolf afirma que, ao incentivar as mulheres a buscarem independência financeira e intelectual, está também propondo que elas “[...] vivam na presença da realidade, uma vida revigorante, ao que parece, que se possa ser transmitida, ou não” (Woolf, 1929, p. 92)⁷. A partir dessa perspectiva, o “teto” (Woolf, 1929) não se limita à posse de um espaço físico, mas refere-se às condições que possibilitam à mulher garantir sua privacidade, exercer sua autonomia e estabelecer relações de pertencimento com o espaço que ocupa, construindo uma existência na qual possa se reconhecer enquanto sujeito.

Considerando as protagonistas de “The Yellow Wallpaper” (1892) e “The Toilet” (1988), compreendemos que ambas se inserem, inicialmente, em contextos que não lhes garantem plenamente essas condições. No entanto, suas trajetórias evidenciam desdobramentos distintos no que se refere à busca por seus “tetos” (Woolf, 1929). Assim, parte-se da hipótese de que, embora ambas as protagonistas busquem por um “teto” (Woolf, 1929), compreendido, neste trabalho, como um espaço que possibilita privacidade, autonomia e pertencimento, suas trajetórias conduzem a resultados distintos: enquanto em “The Yellow Wallpaper” (1892), a protagonista, mesmo inserida em um espaço privado, não consegue

⁷ “[...] live in the presence of reality, an invigorating life, it would appear, whether one can impart it or not” (Woolf, 1929, p. 92).

encontrar o seu “teto” (Woolf, 1929), em “The Toilet” (1988), a protagonista, ainda que em um espaço público, consegue encontrá-lo.

Ao analisarmos os contos, observamos que, embora situadas em contextos distintos, ambas são expostas e reagem a situações cotidianas que interferem em sua privacidade, desafiam sua autonomia e impactam o sentimento de pertencimento. A partir dessa percepção, o objetivo principal deste trabalho é analisar criticamente, sob uma perspectiva comparatista, as obras “The Yellow Wallpaper” (1892) e “The Toilet” (1988), de modo a compreender a relação das protagonistas com os espaços nos quais estão inseridas.

Para essa pesquisa consideramos os estudos de Doreen Massey, especialmente a obra *Space, Place and Gender* (1994), bem como as reflexões de Virginia Woolf, em sua obra *A Room of One's Own* (1929), que subsidiam a compreensão dos espaços ocupados pelas personagens. Considerando as inter-relações estabelecidas pelas protagonistas nos ambientes que percorrem, foram consultados, ainda, aportes teóricos acerca das noções de privacidade (Cancelier, 2017), autonomia (Scherer, 2011), agenciamento (Butler, 2004) e pertencimento (Mathias, 2023). Além disso, recorreremos à obra *The Madwoman in the Attic: the Woman Writer and the Nineteenth-Century Literary Imagination* (2000), publicada originalmente em 1979, de Sandra Gilbert e Susan Gubar, no que se refere às discussões sobre loucura, contribuindo para a análise das experiências vividas pelas personagens.

Em relação à visibilidade e fortuna crítica dos contos em análise, no cenário acadêmico internacional, há trabalhos recentes que propõem análises relacionadas à saúde mental e loucura, como “The modern-day ‘Rest Cure’: ‘The Yellow Wallpaper’ and underrepresentation in clinical research” (Villar, 2024). Em âmbito nacional, os trabalhos “Gênero, racionalidade e escrita em ‘O papel de parede amarelo’” (Soter, 2018) e “Opressão que adoece: uma análise das relações de gênero em o papel de parede amarelo” (Borges, 2018) analisam o conto à luz dos estudos de gênero.

Já a obra “The Toilet” (1988) é mencionada no livro *And Wrote My Story Anyway: Black South African Women's Novels as Feminism* (Boswell, 2020) e, também, no artigo “Teaching Social Justice and Diversity through South/African Stories that Challenge the Chauvinistic Fictions of Apartheid, Patriarchy, Class, Nationalism, Ethnocentrism...” (Narismulu, 2011); porém, o conto é apenas mencionado como uma das produções de Mhlophe ao longo de sua trajetória enquanto escritora, não sendo o livro nem o artigo previamente mencionados dedicados ao estudo de “The Toilet” (1988). No cenário nacional, percebemos que Mhlophe é mencionada nos trabalhos “CAMINHANDO E CONVERSANDO: itinerários literários e turismo literário em KwaZulu-Natal, África do Sul” (Stiebel, 2019) e “Clássicos Recontados: ‘A Mágica de Fudukazi’ a ‘A

Criança Mais Bela” (Kimura, 2007), porém, não há, em nenhum dos trabalhos, menção ao conto “The Toilet” (1988).

Considerando os cenários nacional e internacional, percebemos que a obra “The Yellow Wallpaper” (1892) possui uma maior visibilidade em relação à obra “The Toilet” (1988), o que pode ilustrar uma desvalorização das produções literárias sul-africanas frente às produções literárias estadunidenses. Ademais, não há estudos que propõem uma análise comparatista entre os dois contos, de forma que este trabalho será o primeiro e poderá contribuir tanto para a visibilidade, no cenário nacional, do conto escrito por Mhlophe, quanto para pesquisas futuras no campo dos estudos literários, ampliando as possibilidades de leitura dessas obras.

2 A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO ÍNTIMO: PRIVACIDADE E A BUSCA POR UM “TETO”

As protagonistas de “The Yellow Wallpaper” (1892) e “The Toilet” (1988) buscam por um “teto” (Woolf, 1929), compreendido, neste trabalho, como um espaço que possibilite privacidade, autonomia e pertencimento. Contudo, suas trajetórias conduzem a resultados distintos. Esta seção volta-se, portanto, à análise da dimensão da privacidade na construção, ou não, desse espaço próprio. Neste contexto, compreendemos espaço próprio como um espaço em que essas condições se tornam possíveis na experiência das personagens, configurando-se, assim, como a realização, em termos concretos, do “teto” proposto por Woolf (1929). A partir disso, buscamos explorar de que maneira as personagens se relacionam com os ambientes que ocupam e em que medida esses espaços contribuem, ou não, para a construção de um espaço próprio.

A partir dessa perspectiva, ao considerar as personagens principais dos contos em análise, observamos que ambas estão, inicialmente, inseridas em espaços que não lhes proporcionam privacidade. Em “The Yellow Wallpaper” (1892), a protagonista é alocada em um quarto que não lhe permite ter a privacidade necessária para, por exemplo, escrever, atividade que, ao longo da narrativa, atua como um alívio para sua condição (Stetson, 1892, p. 649). Ela narra: “eu não diria isso para uma alma viva, é claro, mas isso é um pedaço de papel e um grande alívio para a minha mente” (Stetson, 1892, p. 647)⁸, porém, sua prática de escrita é atravessada pelas limitações impostas ao espaço que ocupa.

Desse modo, o espaço que deveria assegurar privacidade atua como um mecanismo de limitação, uma vez que impõe controle sobre as ações da protagonista. Ela expõe: “eu escrevi por um tempo, apesar deles; mas isso me esgota bastante — ter que ser tão astuta sobre isso, ou então enfrentar forte oposição” (Stetson, 1892, p. 648)⁹, evidenciando que, mesmo estando inserida em um espaço privado, não dispõe de privacidade para realizar aquilo que deseja. Assim, a personagem encontra dificuldades para escrever durante o período em que está submetida ao tratamento de repouso, o que compromete não apenas sua prática de escrita, mas também a elaboração de seus próprios pensamentos.

Já em “The Toilet” (1988), a personagem, até o momento em que começa a trabalhar em uma fábrica de roupas em Joanesburgo, passa os dias no quarto ocupado por sua irmã, em

⁸ “I would not say it to a living soul, of course, but this is dead paper and a great relief to my mind” (Stetson, 1892, p. 647).

⁹ “I did write for a while in spite of them; but it does exhaust me a good deal — having to be so sly about it, or else meet with heavy opposition” (Stetson, 1892, p. 648).

Orange Grove, espaço no qual sua presença precisa ser constantemente ocultada. Ela expõe: “eu não podia nem mesmo ouvir o rádio, então ela me trouxe livros, revistas antigas e jornais dos brancos” (Mhlophe, 1988, p. 78)¹⁰, o que ilustra sua falta de privacidade e de liberdade, em troca de não ser notada pelos donos da casa. Nesse caso, a ausência de privacidade está relacionada ao fato de que a personagem precisa restringir suas ações para permanecer no quarto, o que evidencia que fatores externos interferem na construção do espaço próprio da personagem.

Tendo em mente a noção de privacidade, corroboramos o exposto pelo professor Mikhail Vieira de Lorenzi Cancelier, ao afirmar que “ter privacidade é fundamental ao indivíduo, não apenas em oposição ao público, mas numa relação interna, visto que não será possível a assunção de seus desejos sem a construção de seu espaço íntimo” (Cancelier, 2017, p. 220). À luz dessa perspectiva, observamos que, nos contextos em que estão inseridas, as protagonistas dos contos em tela não conseguem desenvolver a privacidade, ainda que em sua dimensão interna, uma vez que a constante vigilância e limitação de suas ações impedem a expressão de seus desejos. Consequentemente, tal condição compromete a construção de um espaço próprio e, em termos desta pesquisa, de um “teto” (Woolf, 1929).

A personagem de “The Yellow Wallpaper” (1892), quando deseja escrever, precisa manter-se atenta às pessoas que se aproximam e entram no quarto, o que reforça a ideia de um espaço marcado por limitações e vigilância constante, ora por seu marido, ora por sua cunhada, Jennie. Ela expõe: “aí vem o John, e eu devo guardar isso — ele odeia que eu escreva” (Stetson, 1892, p. 649)¹¹, evidenciando a ausência de condições para a assunção de seus próprios desejos (Cancelier, 2017, p. 220). Nesse sentido, a escrita, que poderia funcionar como um instrumento de organização do pensamento, é constantemente interrompida, o que contribui para o agravamento do quadro de saúde apresentado pela personagem. Assim, sendo constantemente observada ao longo da narrativa — ora por John, ora por Jennie —, sua privacidade é gradativamente comprometida, o que revela como o controle externo incide diretamente sobre a experiência interna da personagem.

Ao mesmo tempo em que a protagonista descreve John como um homem cuidadoso e amoroso (Stetson, 1892, p. 648), percebemos, também, o controle que seu marido exerce sobre ela, tolhendo sua privacidade (Stetson, 1892, p. 649). Essa contradição torna a relação entre os dois mais complexa, pois o “cuidado” de John acaba sendo utilizado como uma

¹⁰ “I couldn’t even play the radio, so she brought me books, old magazines, and newspapers from the white people” (Mhlophe, 1988, p. 78).

¹¹ “there comes John, and I must put this away, — he hates to have me write a word” (Stetson, 1892, p. 649).

justificativa para a restrição da privacidade da personagem, o que aponta para o caráter problemático dessa relação. Considerando-se que a privacidade é fundamental para que o indivíduo possa construir seu espaço íntimo (Cancelier, 2017, p. 220), é possível inferir que a ausência de privacidade vivenciada pela protagonista, ainda que inserida em um espaço privado, não apenas atua como uma barreira na construção de seu espaço íntimo, mas também impede que ela escreva e alivie a pressão em sua mente (Stetson, 1892, p. 649). Desse modo, o espaço que deveria aproximá-la da possibilidade de encontrar um “teto” (Woolf, 1929) acaba por afastá-la dessa condição.

Em contraste, a personagem de “The Toilet” (1988), ao deixar o quarto de sua irmã em Orange Grove e começar a utilizar o banheiro público durante as manhãs, passa a dispor de privacidade para realizar as atividades que deseja, o que indica uma diferença significativa em relação ao conto anteriormente analisado. Ela narra: “então, em uma sexta-feira, depois de ter me tornado a melhor cliente daquele banheiro, comprei para mim um caderno no qual eu esperava escrever alguma coisa” (Mhlophe, 1988, p. 81)¹², ilustrando a possibilidade de escrita proporcionada pela privacidade encontrada nesse espaço. Nesse sentido, o banheiro público passa a funcionar como um espaço de refúgio, no qual a personagem pode exercer maior controle sobre suas próprias ações.

Ao retomar a escrita, hábito cultivado ainda no período escolar (Mhlophe, 1988, p. 81), a personagem, apesar de estar em outra cidade e vivenciar uma nova realidade, estabelece uma ponte com seu passado. Ela afirma: “eu escrevia qualquer coisa que viesse à mente — da mesma maneira que eu teria feito se eu tivesse um amigo para conversar” (Mhlophe, 1988, p. 85)¹³, indicando que esse espaço, ainda que público, possibilita a construção de uma relação mais livre com sua própria expressão.

Enquanto despendia parte de seu tempo no banheiro público, a jovem consegue construir seu espaço íntimo (Cancelier, 2017, p. 220), graças à privacidade oferecida pelo ambiente. O banheiro permite, ainda, que ela sonhe acordada, o que indica a existência de um espaço propício ao desenvolvimento de seus pensamentos e desejos. Ela expõe: “eu gostava dessa privacidade. Eu refleti muito enquanto estava sentada naquele assento de vaso sanitário. Eu sonhei muito acordada [...]” (Mhlophe, 1988, p. 80)¹⁴. Assim, mesmo inserida em um

¹² “so one Friday, after I’d started being that toilet’s best customer, I bought myself a notebook in which I was hoping to write something” (Mhlophe, 1988, p. 81).

¹³ “I wrote anything that came into my head — in the same way I would have done if I’d had a friend to talk to” (Mhlophe, 1988, p. 85).

¹⁴ “I enjoyed that kind of privacy. I did a lot of thinking while sat on that toilet seat. I did a lot of daydreaming too [...]” (Mhlophe, 1988, p. 80).

espaço público, a personagem consegue construir seu espaço íntimo (Cancelier, 2017, p. 220), o que a aproxima da possibilidade de encontrar um “teto” (Woolf, 1929).

Dessa forma, ao comparar os dois contos, observamos que, enquanto em “The Yellow Wallpaper” (1892) a protagonista está inserida em um espaço privado que não lhe garante privacidade, em “The Toilet” (1988) a personagem encontra, em um espaço público, as condições necessárias para a construção de seu espaço íntimo (Cancelier, 2017, p. 220). Esse contraste mostra que a privacidade não está necessariamente atrelada à natureza pública ou privada do espaço, mas às relações que nele se estabelecem.

Em relação ao espaço, a geógrafa Doreen Massey, em sua obra *Space, Place and Gender* (1994), argumenta: “[...] nós precisamos conceituar o espaço como construído a partir de inter-relações” (Massey, 1994, p. 264)¹⁵. A partir dessa perspectiva, o espaço deixa de ser entendido como algo estático e passa a ser visto como resultado das relações que nele se estabelecem. Partindo dessa compreensão, é possível afirmar que, mesmo estando inseridas em espaços que não lhes proporcionam privacidade, as protagonistas participam das relações que ali ocorrem e são, ao mesmo tempo, afetadas por elas. Assim, enquanto a falta de privacidade impede a protagonista de “The Yellow Wallpaper” (1892) de se aproximar da construção de um “teto” (Woolf, 1929), a personagem de “The Toilet” (1988) consegue avançar nesse processo, mesmo em condições adversas.

¹⁵ “[...] we need to conceptualize space as constructed out of interrelations” (Massey, 1994, p. 264).

3 A CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA: ENTRE O “PENSAR POR SI MESMA” E A POSSIBILIDADE DE AGIR

Considerando a busca das protagonistas de “The Yellow Wallpaper” (1892) e “The Toilet” (1988) por um “teto” (Woolf, 1929), nesta seção, discutimos a autonomia das personagens, com ênfase na relação entre o pensar por si mesma e a possibilidade de agir a partir desse pensamento. Para isso, buscamos analisar as possibilidades ou limitações de atuação das protagonistas nos espaços que ocupam e compreender em que medida a autonomia, ou a falta dela, interfere em sua permanência ou saída desses espaços e na construção de um espaço próprio.

Ao analisarmos as personagens, compreendemos que ambas estão inseridas em espaços que não lhes garantem privacidade, autonomia e pertencimento. No entanto, há uma diferença quanto à autonomia de que dispõem para deixar esses ambientes. Em “The Yellow Wallpaper” (1892), a protagonista, mesmo insatisfeita com o quarto, permanece nele. Ela narra: “eu não gosto nem um pouco do nosso quarto [...] mas o John não gostaria de ouvir sobre isso [...] ele é muito cuidadoso e amoroso, e dificilmente permite que eu me movimente sem estar acompanhada” (Stetson, 1892, p. 648)¹⁶, mostrando que, embora tenha consciência de seu desagrado, encontra dificuldades para agir a partir dele. A personagem precisa adaptar seu comportamento às regras impostas por John, o que revela que a autonomia não se realiza plenamente, mesmo quando demonstra seu próprio posicionamento.

Em contrapartida, em “The Toilet” (1988), a protagonista demonstra autonomia para deixar o quarto da irmã. Ela narra: “então eu consegui um emprego temporário em uma fábrica de roupas na cidade. Eu estava ansiosa para conhecer gente nova e gostava da ideia de sair daquele quarto para variar um pouco” (Mhlophe, 1988, p. 78)¹⁷, ilustrando que, mesmo inserida em um espaço que não lhe garante privacidade, a personagem consegue buscar alternativas e deslocar-se para outros ambientes.

No que se refere à ideia de autonomia, a pesquisadora Berta Rieg Scherer (2011) retoma Kant (1784) ao afirmar que autonomia e racionalidade estão atreladas, uma vez que todo ser humano pode alcançar a autonomia à medida que é racional (Scherer, 2011, p. 05). Na concepção da pesquisadora, desenvolvendo sua racionalidade e alcançando a autonomia, o ser humano torna-se capaz de escolher o rumo de sua vida e, para tal, “basta que tenha coragem para

¹⁶ “I don’t like our room a bit [...] but John would not hear of it [...] he is very careful and loving, and hardly lets me stir without special direction” (Stetson, 1892, p. 648).

¹⁷ “Then I got this temporary job in a clothing factory in town. I looked forward to meeting new people, and liked the idea of being out of that room for a change” (Mhlophe, 1988, p. 78).

fazer uso de seu próprio entendimento, isto é, de pensar por si mesmo” (Scherer, 2011, p. 05). Nesse sentido, segundo Scherer (2011), o ser humano racional alcança a autonomia ao pensar por si mesmo, dando uma direção para a sua vida. No entanto, ao analisar as protagonistas dos contos em tela, percebemos que essa autonomia não se realiza de forma plena, uma vez que fatores externos podem limitar a possibilidade de ação, apesar do fator “racionalidade” estar presente em ambas.

Nessa perspectiva, a autonomia não pode ser compreendida como algo puramente individual, uma vez que o sujeito se constitui no interior de normas e relações sociais que influenciam suas possibilidades de ação. Desse modo, o agenciamento surge da interação com essas estruturas, dependendo das condições sociais que sustentam, ou restringem, a possibilidade de agir (Butler, 2004, p. 32). Como afirma Judith Butler em sua obra *Undoing Gender* (2004):

Nós devemos ser desfeitos para podermos fazer a nós mesmos: nós devemos ser parte de um tecido social maior da existência para criar quem somos. Esse é certamente o paradoxo da autonomia, um paradoxo que se intensifica quando as regulamentações de gênero trabalham para paralisar a agência de gênero em vários níveis (Butler, 2004, pp. 100-101).¹⁸

Nesse sentido, compreendemos que a autonomia se constitui de maneira paradoxal, sendo atravessada por normas sociais que, ao mesmo tempo em que possibilitam a ação, também podem limitá-la. A partir dessa compreensão, faz-se necessário considerar que essas relações não se estabelecem de forma neutra, mas são atravessadas por diferentes marcadores sociais.

Sob essa ótica, o conceito de interseccionalidade, conforme proposto por Kimberlé Crenshaw (1989), permite compreender, por exemplo, que marcadores como raça e gênero não devem ser analisados de forma isolada. Na percepção da autora, “ao mapear as interseções entre raça e gênero, o conceito realmente questiona as suposições dominantes de que raça e gênero são categorias essencialmente separadas” (Crenshaw, 1991, p. 1244)¹⁹, sendo seu objetivo sugerir uma metodologia que contraponha a ideia de que raça e gênero são categorias separadas ou excludentes. Além disso, Crenshaw (1991) sugere que “o conceito pode e deve ser ampliado ao considerar questões como classe, orientação sexual, idade e cor”

¹⁸ “[...] we must be undone in order to do ourselves: we must be part of a larger social fabric of existence in order to create who we are. This is surely the paradox of autonomy, a paradox that is heightened when gender regulations work to paralyze gendered agency at various levels” (Butler, 2004, pp. 100-101).

¹⁹ “In mapping the intersections of race and gender, the concept does engage dominant assumptions that race and gender are essentially separate categories” (Crenshaw, 1991, p. 1244).

(Crenshaw, 1991, p. 1245)²⁰, o que permite compreender que as experiências sociais não podem ser analisadas a partir de categorias isoladas, mas devem ser consideradas em sua inter-relação, uma vez que é nessa intersecção que se configuram as condições que possibilitam, ou limitam, a atuação dos sujeitos.

A partir dessa perspectiva, entendida como uma forma de leitura dos múltiplos marcadores sociais, a interseccionalidade contribui para compreender como fatores como gênero, classe e raça se sobrepõem e se interconectam, estruturando relações de poder que impactam diretamente as possibilidades de ação dos indivíduos. Conforme apontam Patricia Hill Collins e Sirma Bilge em sua obra *Interseccionalidade* (2021)²¹, “essas categorias se sobrepõem e funcionam de maneira unificada. Além disso, apesar de geralmente invisíveis, essas relações interseccionais de poder afetam todos os aspectos do convívio social” (Collins; Bilge, 2021, p. 17). Desse modo, torna-se possível compreender que tais marcadores influenciam diretamente as experiências vividas pelas personagens nos espaços que ocupam.

À luz dessas considerações, ao analisarmos as protagonistas de “The Yellow Wallpaper” (1892) e “The Toilet” (1988), observamos que, embora ambas busquem por um “teto”, suas trajetórias conduzem a desfechos distintos, mas que apontam, ambos, para uma “falta” estrutural, no âmbito social e patriarcal no qual estão inseridas. Em “The Yellow Wallpaper” (1892), destacam-se os marcadores de gênero e classe, que estruturam a relação entre a protagonista e seu marido, John, limitando suas possibilidades de ação. Já em “The Toilet” (1988), observamos a sobreposição de gênero, classe e raça, que atravessa as relações da protagonista com sua irmã, com os donos da casa em Orange Grove e com o ambiente de trabalho, configurando contextos distintos de restrições e, também, de possibilidades.

Em “The Yellow Wallpaper” (1892), a falta de autonomia manifesta-se em diferentes aspectos da vida da protagonista: ela não decide o espaço que ocupa (Stetson, 1892, p. 648), não pode trabalhar (Stetson, 1892, p. 648) e não define sua própria rotina, uma vez que decisões sobre visitas e deslocamentos partem de seu marido, John. Ela expõe: “John pensou que me faria bem receber algumas companhias, então recebemos minha mãe, Nellie e as crianças durante uma semana” (Stetson, 1892, p. 650)²². Mesmo quando demonstra consciência de sua condição e expressa desejos contrários às decisões do marido, sua vontade é constantemente desconsiderada (Stetson, 1892, p. 648). Nesse contexto, as relações de poder que estruturam o

²⁰ “[...] the concept can and should be expanded by factoring in issues such as class, sexual orientation, age, and color” (Crenshaw, 1991, p. 1245).

²¹ A edição utilizada corresponde à tradução de *Intersectionality* (2. ed., Cambridge: Polity, 2020), de Patricia Hill Collins e Sirma Bilge.

²² “John thought it might do me good to see a little company, so we just had mother and Nellie and the children down for a week” (Stetson, 1892, p. 650).

espaço ocupado pela personagem restringem suas ações e dificultam que seu pensamento se traduza em ação concreta, afastando-a da construção de seu espaço íntimo (Cancelier, 2017, p. 220), de sua autonomia e da busca por um “teto” (Woolf, 1929).

Por outro lado, em “The Toilet” (1988), a protagonista, apesar de vivenciar restrições iniciais ao ocupar o quarto da irmã, recupera sua autonomia ao conseguir um emprego e ao passar a frequentar o banheiro público. Ela narra: “eu tinha que encontrar algo para fazer antes que eu pudesse embarcar no ônibus das 7h30min para chegar ao trabalho — cerca de duas horas. Eu iria para um banheiro público no parque” (Mhlophe, 1988, p. 79)²³ e “comprei para mim um caderno no qual eu esperava escrever alguma coisa” (p. 81)²⁴. Essas decisões mostram que a personagem não apenas pensa por si mesma, mas também consegue agir a partir desse pensamento, exercendo maior controle sobre suas ações e construindo seu espaço íntimo (Cancelier, 2017, p. 220), sua autonomia e aproximando-se da busca por um “teto” (Woolf, 1929).

Dessa forma, ao comparar os dois contos, percebemos que, enquanto a protagonista de “The Yellow Wallpaper” (1892) tem sua autonomia constantemente limitada pelas relações de poder presentes no espaço que ocupa, a personagem de “The Toilet” (1988) consegue transformar pensamento em ação e lidar com as inter-relações do espaço a seu favor. Assim, embora ambas demonstrem capacidade de pensar por si mesmas, apenas uma consegue transformar esse pensamento em ação. É essa possibilidade de agir dentro das relações do espaço, esse agenciamento (Butler, 2004), que aproxima a personagem de “The Toilet” (1988) da construção de seu espaço íntimo (Cancelier, 2017, p. 220), de sua autonomia e de seu “teto” (Woolf, 1929), enquanto a protagonista de “The Yellow Wallpaper” (1892) segue impedida desse avanço.

²³ “I had to find something to do with the time I had before I could catch the seven-thirty bus to work — about two hours. I would go to a public toilet in the park” (Mhlophe, 1988, p. 79).

²⁴ “[...] I bought myself a notebook in which I was hoping to write something” (Mhlophe, 1988, p. 81).

4 A CONSTRUÇÃO DO PERTENCIMENTO: ENTRE RECONHECER-SE E OCUPAR O ESPAÇO

Embora as protagonistas de “The Yellow Wallpaper” (1892) e “The Toilet” (1988) busquem por um “teto” (Woolf, 1929), suas trajetórias conduzem a resultados distintos, ainda que ambos os contos denunciem faltas/questões estruturais das sociedades representadas. Nesta seção, discutiremos, portanto, de que modo as personagens constroem, ou não, vínculos com os espaços que ocupam, bem como em que medida essas relações contribuem para a constituição de um sentido de pertencimento e para a construção de um espaço próprio, compreendido como a realização, em termos concretos, desse “teto” proposto por Woolf (1929).

Considerando as personagens principais dos contos em tela, observamos que ambas estão inseridas, inicialmente, em espaços que não lhes proporcionam pertencimento. Além de não propiciar privacidade, tais espaços também não favorecem a construção de vínculos que lhes permitam se reconhecer nesses ambientes. Entretanto, enquanto a personagem em “The Toilet” (1988) encontra condições para deixar o quarto da irmã em Orange Grove, a protagonista de “The Yellow Wallpaper” (1892) permanece no quarto escolhido por John, o que impacta diretamente a relação das protagonistas com os espaços que ocupam.

Assim, uma diferença importante entre as personagens diz respeito à forma como o pertencimento se manifesta em suas trajetórias. Em “The Yellow Wallpaper” (1892), a protagonista, ainda que inserida em uma casa com sua família, não desenvolve, inicialmente, um sentimento de pertencimento. Ela narra: “há algo estranho na casa — eu posso sentir” (Stetson, 1892, p. 648)²⁵, indicando um desconforto em relação ao espaço em que se encontra, o qual foi escolhido por seu marido.

Em “The Toilet” (1988), a personagem principal também não apresenta, em um primeiro momento, um sentimento de pertencimento ao quarto de sua irmã, não chegando a estabelecer, com esse espaço, um vínculo ao longo da narrativa. Porém, ao buscar abrigo em um banheiro público em um dia chuvoso (Mhlophe, 1988, p. 79), passa a estabelecer uma relação de proximidade com esse ambiente. Ela afirma: “eu o chamo de meu banheiro porque é exatamente como eu me sentia em relação a ele [...] quando eu chegava ao banheiro, eu realmente não esperava encontrá-lo ocupado” (Mhlophe, 1988, p. 85)²⁶, evidenciando a construção de um vínculo que se aproxima de um sentimento de pertencimento.

²⁵ “[...] there is something strange about the house — I can feel it” (Stetson, 1892, p. 648).

²⁶ “I call it my toilet because that is exactly how I felt about it. [...] When I went there, I didn’t really expect to find it occupied” (Mhlophe, 1988, p. 85).

Nesse sentido, o conceito de “lugar-pertencimento”, conforme proposto por Marco Antonsich (2010) e retomado por Dionei Mathias (2023), contribui para essa análise ao compreender o pertencimento como a relação construída entre o sujeito e um espaço que passa a ser sentido como “casa”, isto é, um lugar no qual o indivíduo pode se reconhecer e se sentir acolhido. Ainda segundo Mathias (2023), “ao reconhecer-se marionete de vontades alheias, ocorre a fragilização do sentido e, por consequência, da sensação de pertencer” (Mathias, 2023, p. 180), o que compromete a relação do sujeito com o espaço e com sua própria experiência. A partir dessa perspectiva, é possível compreender que as condições que possibilitam ou limitam a ação das personagens dos contos em tela estão diretamente relacionadas à construção ou à fragilização do pertencimento.

Em “The Yellow Wallpaper” (1892), observamos que a protagonista não encontra, inicialmente, no quarto que ocupa, um “lugar-pertencimento” (Antonsich, 2010). Embora descreva a propriedade como “o lugar mais lindo!” (Stetson, 1892, p. 648)²⁷, sua percepção é atravessada por estranhamento (Stetson, 1892, p. 648). A personagem demonstra não gostar do quarto escolhido por John e expressa o desejo de ocupar outro espaço: “Eu gostaria de um [quarto] lá embaixo, com varanda e rosas por toda a janela [...]” (Stetson, 1892, p. 648)²⁸. No entanto, impossibilitada de escolher o espaço que habita, sua relação com o ambiente permanece marcada pela limitação.

O jardim, nesse contexto, surge como um espaço simbólico que contrasta com o confinamento do quarto, funcionando como uma possibilidade de deslocamento para além do espaço em que a personagem está confinada. Na concepção de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2001), o jardim “representa um sonho do mundo, que transporta para fora do mundo” (Chevalier; Gheerbrant, 2001, p. 513), sendo também associado à ideia de paraíso (Chevalier; Gheerbrant, 2001, p. 514). Ao descrevê-lo, inicialmente, como um espaço grande e sombreado, com pavilhões cobertos por uvas (Stetson, 1892, p. 648) e, duas semanas depois, de maneira distinta, como narrado por ela em: “De uma janela, posso ver o jardim, aqueles misteriosos pavilhões de sombra profunda, as flores antigas exuberantes e desordenadas, os arbustos e as árvores retorcidas” (Stetson, 1892, p. 649)²⁹, a personagem revela uma mudança em sua percepção. Essa mudança pode ser entendida como um reflexo dos sentimentos da

²⁷ “The most beautiful place!” (Stetson, 1892, p. 648).

²⁸ “[...] I wanted one downstairs that opened on the piazza and had roses all over the window [...]” (Stetson, 1892, p. 648).

²⁹ “Out of one window I can see the garden, those mysterious deep-shaded arbors, the riotous old-fashioned flowers, and bushes and gnarly trees” (Stetson, 1892, p. 649).

personagem, mostrando que sua relação com o espaço no qual está inserida não é fixa, mas decorrente das condições em que se encontra.

A personagem caminha um pouco pelo jardim, mas passa a maior parte de seu tempo deitada no quarto (Stetson, 1892, p. 650). À medida que desenvolve uma obsessão pelo papel de parede, passa a perceber, durante a noite, a figura de uma mulher presa atrás dele (Stetson, 1892, pp. 650-652). Essa mesma figura é vista, posteriormente, rastejando no jardim. Ela expõe: “[...] eu a vi! Posso vê-la de todas as minhas janelas! [...] Eu a vejo naquelas escuras pérgolas de uvas, rastejando por todo o jardim” (Stetson, 1892, p. 654)³⁰. Ao observar essa mulher na área externa da casa e ao afirmar que ela própria rasteja pelo quarto (Stetson, 1892, p. 654), a protagonista estabelece uma relação de identificação com essa figura.

Nesse sentido, essa relação pode ser compreendida a partir da noção de duplo, conforme apontam Sandra Gilbert e Susan Gubar, na obra *The Madwoman in the Attic: the Woman Writer and the Nineteenth-Century Literary Imagination* (2000), ao afirmarem que: “a figura que rasteja pelo papel de parede e por trás dele é tanto a narradora quanto seu duplo” (Gilbert; Gubar, 2000, p. 91)³¹. Assim, a mulher observada não se configura como um outro independente, mas como uma forma de reconhecimento de si, construída no interior das limitações impostas pelo quarto em que está confinada. É nesse contexto que o jardim adquire uma relevância simbólica, uma vez que se torna o espaço no qual essa figura, que se confunde com a própria protagonista, passa a se manifestar para além do confinamento do quarto. No entanto, esse deslocamento não se realiza plenamente, uma vez que permanece condicionado às limitações impostas à protagonista.

Quando chega a noite e John retorna para a casa, a figura da mulher que rasteja pelo jardim durante o dia passa a ser percebida, novamente, presa atrás do papel de parede (Stetson, 1892, p. 654). Esse movimento evidencia a falta de liberdade e de individualidade da protagonista quando na presença de seu marido. Assim, quando está sozinha, a personagem se associa a uma figura que se move pelo jardim, rastejando em liberdade em meio ao seu paraíso (Chevalier; Gheerbrant, 2001, p. 514); porém, quando seu marido retorna para a casa, o pouco de liberdade experienciada pela protagonista se esvai, e, conseqüentemente, a figura da mulher, que antes rastejava no jardim, fica presa atrás do papel de parede, assim como a protagonista fica presa à John.

³⁰ “[...] I’ve seen her! I can see her out of every one of my windows! [...] I see her in those dark grapes arbors, creeping all around the garden” (Stetson, 1892, p. 654).

³¹ “[...] the figure creeping through and behind the wallpaper is both the narrator and the narrator’s double” (Gilbert; Gubar, 2000, p. 91).

Ao arrancar o papel de parede na tentativa de libertar a figura da mulher que nele se encontra presa (Stetson, 1892, p. 655), a protagonista realiza um gesto que pode ser compreendido à luz da noção de agenciamento. Conforme propõe Judith Butler (2004, p. 32), a agência não se constitui fora das normas, mas a partir da possibilidade de agir no interior delas. Assim, ainda que arrancar o papel de parede não represente uma libertação total da personagem, a ação evidencia uma forma de atuação possível dentro das condições limitantes que foram impostas à ela por seu marido John.

Entretanto, essa relação se constrói de maneira paradoxal. Ao mesmo tempo em que a personagem estabelece, por meio dessa identificação com a figura, uma forma de vínculo com o espaço, essa ação não se concretiza plenamente no plano da realidade. A liberdade que ela experimenta ocorre de forma simbólica e é constantemente interrompida pelas relações que estruturam o espaço que ocupa. Desse modo, é possível compreender que a protagonista se aproxima de uma forma paradoxal de pertencimento, na medida em que constrói uma relação com o espaço pautada em identificação e imaginação, mas não encontra condições concretas para conservá-la. Por isso, é possível inferir que ela não encontra plenamente um “lugar-pertencimento” (Antonsich, 2010).

Por outro lado, em “The Toilet” (1988), a protagonista desenvolve uma relação mais consistente com o espaço do banheiro público. Ao utilizá-lo diariamente, estabelece um vínculo que a faz perceber o ambiente como um lugar próprio, no qual se sente confortável e acolhida. Ela afirma: “[...] o banheiro era muito pequeno — as paredes eram muito próximas à mim — parecia que ele foi projetado para me abrigar, sozinha” (Mhlophe, 1988, p. 80)³². Ao passar cada vez mais manhãs nesse espaço, que proporciona a ela momentos de tranquilidade para escrever seus poemas e histórias, a jovem, certa manhã, o encontra trancado (Mhlophe, 1988, p. 86). Ela narra: “eu acho que, pela primeira vez, aceitei que o banheiro não era meu, afinal...” (Mhlophe, 1988, p. 86)³³. Entretanto, o banheiro trancado não foi um obstáculo para que a personagem deixasse de escrever, pois ela se dirige à um banco próximo e escreve mesmo assim.

Mesmo quando o acesso ao banheiro é interrompido, a personagem mantém a prática que ali desenvolvia, deslocando-a para outro espaço, o que indica que o pertencimento construído por ela ao longo da narrativa não se restringe ao espaço físico do banheiro público, mas se estende às suas próprias práticas. Desse modo, ela se aproxima da construção de um

³² “[...] the toilet was very small — the walls were wonderfully close to me — it felt like it was made to fit me alone” (Mhlophe, 1988, p. 80).

³³ “I think for the first time I accepted that the toilet was not mine after all...” (Mhlophe, 1988, p. 86).

“lugar-pertencimento” (Antonsich, 2010), na medida em que encontra condições para se reconhecer e agir nos espaços que ocupa.

Assim, ao comparar os dois contos, percebemos que o pertencimento depende das relações que as personagens estabelecem com os espaços e das condições que possibilitam sua atuação, revelando-se como um processo atravessado por inter-relações, que pode tanto ser fortalecido quanto fragilizado. Enquanto a protagonista de “The Yellow Wallpaper” (1892) vivencia uma relação marcada por limitações que dificultam a consolidação de um pertencimento, a personagem de “The Toilet” (1988) consegue estabelecer vínculos mais sólidos com o espaço, aproximando-se da construção de um lugar no qual se reconhece.

Nesse sentido, a busca por um “teto” também se configura de maneira distinta: enquanto em “The Yellow Wallpaper” (1892) as limitações impostas à protagonista impedem a consolidação de um espaço em que ela possa se reconhecer e pertencer plenamente, no plano da realidade, em “The Toilet” (1988), a personagem, ainda que inserida em um espaço público, aproxima-se da construção de um “lugar-pertencimento” (Antonsich, 2010). Assim é possível observar que o pertencimento se constrói, muitas vezes, no desvio e na subversão das estruturas que atravessam a experiência das personagens, na medida em que a sociedade lhes nega, ou negligencia, suas necessidades e desejos, fazendo com que sejam nas brechas que se torne possível às personagens reconhecerem-se em relação ao espaço.

5 REFLEXÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar, sob uma perspectiva comparatista, os contos “The Yellow Wallpaper” (1892) e “The Toilet” (1988), buscando compreender de que maneira suas protagonistas, inseridas em realidades distintas, constroem e experienciam os espaços que ocupam, especialmente no que se refere à privacidade, à autonomia e ao pertencimento. A partir das análises desenvolvidas ao longo das seções, foi possível observar que, embora ambas as personagens estejam inseridas, inicialmente, em contextos que não lhes garantem plenamente essas condições, suas trajetórias conduzem a desdobramentos distintos.

No que se refere à privacidade, observamos que as limitações impostas à protagonista de “The Yellow Wallpaper” (1892) restringem a construção de um espaço íntimo, conforme a noção proposta por Cancelier (2017), uma vez que a personagem não dispõe de condições para vivenciar momentos próprios, tendo sua experiência constantemente atravessada pelas imposições de seu marido, John. Nesse sentido, o quarto, um espaço privado que poderia configurar-se como um espaço de proteção, revela-se como um ambiente de vigilância e restrição. Por outro lado, em “The Toilet” (1988), a personagem, ainda que inserida em um espaço público, consegue estabelecer momentos de maior reflexão, transformando o banheiro em um espaço que possibilita a construção de uma relação mais íntima consigo mesma.

No que diz respeito à autonomia, percebemos que as possibilidades de ação das personagens são diretamente condicionadas pelos contextos em que estão inseridas. Em “The Yellow Wallpaper” (1892), a protagonista encontra-se submetida a um conjunto de normas, impostas por seu marido, que limitam sua capacidade de agir e de decidir sobre si, o que fragiliza seu agenciamento, conforme proposto por Butler (2004), uma vez que suas ações se dão em um campo restrito de possibilidades. Já em “The Toilet” (1988), embora também inserida em um contexto de limitações, a personagem demonstra maior capacidade de atuação, uma vez que encontra brechas para agir, evidenciando formas de agenciamento que se constroem no interior das condições que a cercam.

Por fim, em relação ao pertencimento, identificamos que, enquanto a protagonista de “The Yellow Wallpaper” (1892) não chega a se reconhecer e pertencer ao espaço que ocupa, no plano da realidade, a personagem de “The Toilet” (1988) aproxima-se da construção de um vínculo mais significativo com o ambiente. No primeiro conto, a relação com o espaço é marcada por estranhamento, sendo possível compreendê-la também a partir da noção de duplo, conforme discutida por Gilbert e Gubar (2000), uma vez que a protagonista reconhece em outra figura aspectos de si mesma, sem, no entanto, conseguir estabelecer um vínculo com o

ambiente. Já em “The Toilet” (1988), a personagem constrói uma relação que se aproxima do que Antonsich (2010) define como “lugar-pertencimento”, na medida em que passa a reconhecer o banheiro público como um local no qual pode se sentir acolhida e se identificar.

Nesse sentido, a hipótese que deu início a este trabalho, segundo a qual, embora ambas as protagonistas busquem por um “teto” (Woolf, 1929), compreendido como um espaço que possibilita privacidade, autonomia e pertencimento, suas trajetórias conduzem a resultados distintos, confirma-se à luz das análises desenvolvidas.

Assim, é possível afirmar que em “The Yellow Wallpaper” (1892), mesmo inserida em um espaço privado, as limitações impostas à protagonista configuram uma relação marcada por restrições que atravessam sua experiência, o que impede a consolidação de um “teto” (Woolf, 1929). Por outro lado, em “The Toilet” (1988), a personagem, mesmo em um espaço público que, à primeira vista, não lhe pertence, constrói condições que possibilitam uma relação mais significativa com o ambiente, aproximando-a de um “teto” (Woolf, 1929).

Por fim, compreendemos que a constituição desse “teto” (Woolf, 1929) não depende exclusivamente de um espaço físico, mas das condições que permitem às personagens agir, reconhecer-se e estabelecer relações com os ambientes que ocupam.

6 REFERÊNCIAS

BORGES, Juliana de Azevedo. **Opressão que adocece**: uma análise das relações de gênero em o papel de parede amarelo. 2018. 34 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Português) - Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

BOSWELL, Barbara. **And wrote my story anyway**: black South African women's novels as feminism. [S. l.]: Wits University Press, 2020.

BUSBY, Margaret. **Daughters of Africa**: an international anthology of words and writings by women of African descent: from the ancient Egyptian to the present. New York: Pantheon Books, 1992.

BUTLER, Judith. **Undoing gender**. New York: Routledge, 2004.

CANCELIER, Mikhail Vieira de Lorenzi. O direito à privacidade hoje: perspectiva histórica e o cenário brasileiro. **Sequência: Estudos Jurídicos e Políticos**, Florianópolis, v. 38, n. 76, p. 213-239, 2017.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2001.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021.

CRENSHAW, Kimberlé. Mapping the margins: intersectionality, identity politics, and violence against women of color. **Stanford Law Review**, [S. l.], v. 43, n. 6, p. 1241-1299, 1991.

DAVIS, Cynthia J. **Charlotte Perkins Gilman**: a biography. Stanford: Stanford University Press, 2010.

GILBERT, Sandra M.; GUBAR, Susan. **The madwoman in the attic**: the woman writer and the nineteenth-century literary imagination. 2. ed. New Haven: Yale University Press, 2000.

GILMAN, Charlotte Perkins. Why I wrote "The Yellow Wallpaper"?. **Advances in Psychiatric Treatment**, [S. l.], v. 17, n. 4, p. 265-265, jul. 2011. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/advances-in-psychiatric-treatment/article/why-i-wrote-the-yellow-wallpaper/9F0803493F9D522712BB4B31BA5CCDC2>. Acesso em: 3 nov. 2025.

KIMURA, Hatsuya. Clássicos Recontados: "A Mágica de Fudukazi" a "A Criança Mais Bela". **Cadernos de Literatura em Tradução**, [S. l.], n. 8, p. 141-160, 2007. DOI: 10.11606/issn.2359-5388.i8p141-160. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/clt/article/view/49433>. Acesso em: 7 nov. 2024.

MASSEY, Doreen. **Space, place and gender**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1994.

MATHIAS, Dionei. Pertencimento: discussão teórica. **Alea: Estudos Neolatinos**, [S. l.], v. 25, n. 1, p. 166-187, 2023.

MHLOPHE, Gcina. About Gcina Mhlophe. [S. l.: s. n.], 2024. Disponível em: <https://www.gcinamhlophe.co.za/gcinamhlophe-about.html>. Acesso em: 9 nov. 2024.

MHLOPHE, Gcina. The Toilet. In: ROCHMAN, Hazel (org.). **Somehow tenderness survives: stories of Southern Africa**. New York: HarperCollins Children's Books, 1988. p. 77-86.

NARISMULU, Priya. Teaching social justice and diversity through South/African stories that challenge the chauvinistic fictions of apartheid, patriarchy, class, nationalism, ethnocentrism... **Alternation**, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 135-158, 2011.

OXFORD UNIVERSITY. Dr Barbara Boswell. [S. l.: s. n.], 2024. Disponível em: <https://oclw.web.ox.ac.uk/people/barbara-boswell>. Acesso em: 8 nov. 2024.

SCHERER, Berta Rieg. Considerações sobre o conceito de autonomia em Kant. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE FILOSOFIA MORAL E POLÍTICA, 2011, Pelotas. Anais [...]. [S. l.: s. n.], 2011, p. 1-14.

SOTER, Teresa. Gênero, racionalidade e escrita em “O papel de parede amarelo”. **Cadernos de Estudos Sociais e Políticos**, [S. l.], v. 6, n. 11, p. 40-51, 2018.

STETSON, Charlotte Perkins. The Yellow Wallpaper. **New England Magazine**, Boston, p. 647-656, 1892.

STIEBEL, Lindy. Caminhando e conversando. **CULTUR: Revista de Cultura e Turismo**, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 40-53, 2019.

THE NEW ENGLAND MAGAZINE ARCHIVES. [S. l.: s. n.], 2024. Disponível em: <https://onlinebooks.library.upenn.edu/webbin/serial?id=nemag1886>. Acesso em: 24 out. 2024.

VILLAR, Camille Francesca. The modern-day “Rest Cure”: “The Yellow Wallpaper” and underrepresentation in clinical research. **Philosophy, Ethics, and Humanities in Medicine**, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 8, 2024.

WOOLF, Virginia. **A room of one's own**. 1929. [S. l.: s. n.], [s. d.].